



REDATOR PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa - PORTUGAL
Endereço telegráfico: *Talhava-Lisboa* • Telefone 5339 C.
Oficinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

A actual política britânica

É crónica geral que o governo francês se encontra à frente da reacção mundial; que é ele quem dirige a batalha contra a Revolução e que a Gran-Bretanha e todas as outras potências maiores ou menores simplesmente o seguem. Esta opinião é absolutamente errónea. Provém do facto dos homens verem mais facilmente as apariências que as realidades e de se empregar um menor esforço em achar as apariências do que em procurar as realidades. Actualmente, no século XX como nos fins do século XVIII e começo do XIX, o governo do Reino Unido da Gran-Bretanha e da Irlanda é o verdadeiro chefe da contra-revolução mundial. É ele quem guia todas as forças anti-progressivas, porque a Revolução é o progresso. O governo francês, como os restantes, só o segue aliás voluntariamente e até com prazer.

Um pouco de reflexão mostra a verdade da nossa maneira de ver. No condicionamento geral das consas, dos factos e dos homens, a influência principal é devida aos factores económicos. Há, na verdade, exceções, em que os factores sentimentais, emocionais ou intelectuais actuam com mais força que os factores económicos. Mas estas exceções confirmam a regra do poder superior das condições económicas no determinismo estrito e inelutável dos fenómenos sociais. Se analisarmos estas condições económicas, veremos que elas próprias são determinadas por condições biológicas, mas não é este o lugar de as estudar sob este ponto de vista.

As condições económicas são, portanto, os determinantes dos fenómenos sociais. Uma consequência deste facto é que, dada a actual organização social, são os detentores do capital os senhores da política. Estes capitalistas dividem-se em grupos diversos segundo as nações a que pertencem, e no seio de cada nação, segundo a natureza própria dos seus interesses. Mas estes grupos lutam naturalmente entre si pela posse do predominio, isto é, no fundo pelo acréscimo das riquezas dos seus respectivos grupos e, portanto, dos indivíduos que deles fazem parte. Pois bem. Quando examinarmos a situação do capitalismo mundial, no ponto de vista do poder dos seus grupos, é-se levado a constatar que o grupo capitalista britânico é o mais poderoso de todos os grupos capitalistas, com exceção do capitalismo americano. Mas este, por razões que aqui não tenho que examinar, não representa papel adequado à sua força, pelo menos na política europeia. O capitalismo britânico, visto no seu conjunto, sem nos ocuparmos das lutas internas dos seus diversos clãs, é portanto actualmente o dono da política europeia e se esta é essencialmente anti-revolucionária, anti-progressiva, é porque o capitalismo britânico assim o quer. E realiza a sua vontade por intermédio dos seus empregados e dos seus beneficiários, os governos britânicos, ministros e parlamentares. O grupo capitalista francês é muito fraco, sob o ponto de vista mundial, para poder impor a sua política. Só pode seguir a política fixada pelo concorrente e seu, obtendo aliás uma parte do bolo.

Donde se vê que logicamente à frente da contra-revolução está Londres e não Paris, como é crónica geral. O estudo dos factos desde 1918 demonstra o plenamente. Os diversos tratados chamados «de paz» condicionam todos uma situação territorial e política prolongada. Não os posso analisar aqui, por falta de espaço. A demonstração seria tacitilma. Naturalmente o governo britânico não é omnipotente. É obrigado a ter em conta os governos das outras nações, todos eles representantes de interesses capitalistas, sem falar da opinião mais ou menos poderosa das massas populares dirigidas. Os tratados foram portanto compromissos nos quais cada grupo capitalista procurou obter o máximo, cedendo o mínimo. O que explica como o governo francês, sustentáculo dos industriais metalúrgicos, foi tam tenaz na questão alemã, como o foi na questão da Síria, visto representar os interesses dos jesuítas, os quais, sob a capa da religião, são os verdadeiros interesses económicos.

A habilidade do governo britânico consistiu em mostrar querer resistir às pretensões do governo francês cedendo entretanto, porque esta forma de proceder servia a sua política de reacção, dando aos franceses a aparição de representarem o papel de cínicos dos melodramas clássicos. E eis a razão porque sobre os franceses recaiu todo o ódio da actual política de reacção.

A essência da política britânica revela-se facilmente quando se examina a sua política na Irlanda, no Egito, na Índia. Esta essência é a luta contra a liberdade dos povos, contra a transformação social. Na Irlanda, o governo britânico conduz-se muito pior que o governo do Kaiser na Bélgica e na França ocupadas. O militar é o senhor, o que é suficiente para se saber que os crimes se sucedem aos crimes: os assassinatos, os incêndios, os roubos, as violações. Nas Índias, a revolta ruge, e a repressão acompanha-a com toda a violência. No Egito, a situação é idêntica, mas presentemente menos aguda. Mas a vontade britânica é sempre a mesma: manter estes povos na submissão para os explorar.

Para com a Rússia, o governo britânico faz um duplo jogo: cede em apariência ao Labour Party e a um clã capitalista, quando trata de negociações para estabelecer relações comerciais. Mas na realidade, esforça-se por arrastar e adiar as soluções, apoiar veladamente a reacção na Hungria e o imperialismo polaco. E para com a Alemanha a política inglesa é idêntica. Dá o seu apoio à reacção pan-germanista, não exigindo o desarmamento e consentindo ao mesmo tempo que o governo francês reclame somas loucas pelas reparações. Por esta forma tende a manter na Alemanha um estado instável que não é plenamente reacionário, nem completamente reacionário. Esta instabilidade da Alemanha é útil ao capitalismo britânico, porque impede o renascimento económico da Alemanha, suprimindo, por consequência, um concorrente no mercado mundial. Em última análise, a política britânica para com a Alemanha é a mesma seguida para com a Rússia: manter a actual instabilidade, impedindo o lógico desenvolvimento das forças sociais.

O fim da política britânica para com a Alemanha consiste em destruir o seu poder económico e, em relação com a Rússia, o seu poder político.

Pode-se, portanto, ao examinar-se os factos, afirmar com toda a segurança que o centro da reacção na Europa está em Londres e não em Paris.

E assim será enquanto o governo britânico estiver nas mãos de Lord Curzon, de Winston Churchill e de Bonar Law. Não me refiro a Lloyd George, porque este é um simples porta-voz dos primeiros, que são os chefes reais da actual política britânica. Esta política é actualmente imperialista e os povos podem apreciar quão dolorosa ela é. Mas amanhã poderão manter os imperialistas e os reacionários? E' o que examinarei num segundo artigo.

Fevereiro de 1921.

Augusto Henrique

A PROPÓSITO DA FESTA DE HOJE

Vida difícil, mas limpa

Uma novamanifestação de aprêço é hoje levada a efecto para com este jornal, que entre as rudes pelejas em que tem entrado não conta sómente dias amargos, mas regista também momentos de ventura que se não olvidam, porque as demonstrações de simpatia recebidas são daquelas que calam fundo na nossa alma, alma que não vibra apenas quando, ante a prática de actos que de-

Por isso tem *A Batalha* sido objecto de odiosas perseguições, havendo muitos dos que nestas oficinas exercem a sua actividade frequentado muitas vezes as prisões, conhecido o desterro e sido alvejados a tiro, como se fossem fá-cinoras da pior espécie.

E tem sido sobretudo nesses momentos de ataque cruel que havemos co-nhecido a dedicação da parte consciente da classe operária, à qual estamos ligados não só pela nossa condição de trabalhadores, mas também pelo pa-samento e pela ação.

Em volta de *A Batalha* tem-se produzido acontecimentos que bem alto não afirmado que a nossa propaganda não tem sido estéril. Tem este jornal atravessado crises difíceis, vezes várias havendo, estado iminente o seu desaparecimento, não porque nos tenha falecido o ânimo para prosseguir na luta, mas por escassos de recursos para manter este órgão proletário. Lançado, porém, o grito de alarme, estes recursos temem vindo, não das alforrias dos que mercadejam com tudo, até com o ca-ráter, mas da bôsa, exangue dos que trabalham.

E quando estas oficinas foram assaltadas por um bando de malfeitores, que saíram a indignação a conturba, mas só por acaso não nos tiraram a vida, mas que destruiram tudo que lhes foi possível, foi da classe operária que se desfazou um grupo de homens que não restauaram os móveis despedaçados, mas até lhes deu mais brilho; ao mesmo tempo que de todos os cantos de Portugal, até os mais recônditos, affluiu a esta casa, com palavras de fé, dezenas de contos de réis que nos teme-habituado a fazer face ao permanente déficit que a nossa administração regista. E como se tais demonstrações de carinho não fossem bastantes a assegurar-nos a dedicação dos que trabalham, assistimos nesse instante, frementes de emoção, a um protesto traduzido por uma greve geral espontânea de 24 horas.

Actos destes não esquecem, e sentimo-nos felizes em recordá-los, ainda que rapidamente, neste dia em que um grupo de camaradas dedicados leva a cabo uma nova demonstração de afecto para com *A Batalha*, tribuna que, se por virtude de dificuldades que nos são subretido criadas pelo espírito de ganância das empresas papeleiras, for alguma de forçada a desaparecer, quer desaparecer limpa como viu a luz da publicidade, limpa como teme atravessa-dos estes dois anos de existência aciden-tais.

Só não revolucionam, só não almejam transformar, mas transformar num sentido mais perfeito, aqueles em quem o egoísmo pode mais que o altruísmo, e é este o caso da maioria dos que nos combatem, os quais, quando não ambicionam a felicidade apenas para as suas exclusivas pessoas, não encontram, sob esse aspecto, horizontes mais dilatados que os da família, ao contrário do que sucede connosco, que pretendemos que toda a humanidade disfrute de conforto idêntico, para que nós e as pessoas que mais directamente nos estão ligadas — a

sois decisivos, é uma demonstração clara de que Manuel Ribeiro é uma alma de poeta.

E' por uma poesia deste poeta libe-

rário que é constituída a segunda parte do excelente programa. E' para que

nada fale, para que tudo se conjugue num todo harmônico e belo é o dis-

tinto actor Joaquim de Oliveira, da

companhia do Ginásio, quem vai recitar a poesia, o que certamente fará com

a consciência que põe em todos os seus trabalhos.

A terceira e última parte será preen-

chida pela peça de teatro, *Cobardes*,

que se impõe a todas as críticas. Os

dois papéis principais estão entregues a

dois nomes que conhecem estrondosos

triunfos, incontestáveis glórias. Esses

dois nomes já os leitores os adivinham: são os de Alves da Cunha e D.

Bártolo Viana da Mata.

O espetáculo principia às 9 horas

prefixas, não devendo os espectadores

entrar depois dessa hora, não só por

que isso não é permitido pelo regula-

mento dos teatros, mas também porque

perturbaria o espetáculo.

— A Associação Anti-Alcoólica Ope-

rária, manifestando o desejo de impre-

mirar nota anti-alcoólica na festa de *A*

Batalha, lembra aos camaradas que

assistam ao festival que se abstêm de

tomar bebidas alcoólicas no bufete, sub-

stituindo-as por bebidas higiênicas e

refrigerantes inofensivos.

A inauguração do retrato

de Neno Vasco

Neno Vasco, um grande que viveu

quase desapercebido, grande pelo saber

e grande pelas admiráveis qualidades

de carácter, foi um dedicado amigo de

A Batalha. Muito contribuiu ele com o

seu saber, com o seu conhecimento de

toda a política internacional e do move-

imento proletário de todo o mundo para

que *A Batalha* apresentasse artigos pri-

meiros, da sua autoria, acerca da

marcha das ideias emancipadoras. Con-

véu aqui notar que Neno Vasco, sem

uma só vez desviar dos seus princípios

anarquistas, foi dos que mais contribui-

ram, não só neste jornal, como nou-

tras publicações, para o esclarecimento

da Revolução russa, a propósito da

qual nos forneceu dados importantíssimos.

Entre aqueles que de perto o conhe-

ciam contava verdadeiros amigos, e en-

tre os que o conheciam apenas pela pro-

sa clara e instrutiva, grandes admira-

dores. Um dos seus mais extremosos

amigos, Adolfo Nunes, fotógrafo habi-

lissímo, dedicou-se à tarefa de ampliar

o retrato de Neno, que será hoje, pelas

18 horas inaugurado, na nossa redac-

ção. A inauguração é a cerimónia de

entrega do retrato a Neno Vasco, que

deixou de ser o seu dono, e que é o

nosso dono, que é o seu dono.

As simples e comovedora cerimónia

assista os seus numerosos amigos,

os representantes dos sindicatos pro-

fissionais e dos jornais operários,

além de seus filhos e cunhados.

A inauguração é a cerimónia de

entrega do retrato a Neno Vasco, que

deixou de ser o seu dono, e que é o

nosso dono, que é o seu dono.

A inauguração é a cerimónia de

entrega do retrato a Neno Vasco, que

deixou de ser o seu dono, e que é o

nosso dono, que é o seu dono.

A inauguração é a cerimónia de

entrega do retrato a Neno Vasco, que

deixou de ser o seu dono, e que é o

nosso dono, que é o seu dono.

A inauguração é a cerimónia de

entrega do retrato a Neno Vasco, que

deixou de ser o seu dono, e que é o

nosso dono, que é o seu dono.

A inaugura

NOTAS & COMENTÁRIOS

Delicadeza nipônica

A cortezia dos nipônica é proverbial. Ai vai um exemplo: Ao director dumha revista de Tokio foi entregue um original que, devido à sua complexidade, não mereceria ser publicado. Cabe aqui explicar que há no Japão o costume de devolver os autógrafos não inseridos. Eis pois que o nosso director, devolvendo o original, faz acompanhar a devolução dum bilhete assim concordado:

Meu caro mestre. Estou ainda sob a emocão produzida pela sua obra prima, com cuja leitura me honrei. Infelizmente, o cuidado que tomo com os meus leitores força-me a devolver-lhe essa jóia preciosíssima. Vi que obras primas dessa ordem só podem produzir-se com intervalos de pelo menos um século. Se eu a publicasse, o público que lhe é nossa revista ficaria estragado por essa pérola. Por isso me vejo coagido a renunciar a essa publicação que é bêta demais.

Delicadeza maior nem no nosso cor-de-rosa chefe de governo se encontra.

Reconhecida

A República dos Sóviets já está reconhecida de facto pela Inglaterra. O mesmo se pode dizer com relação à Itália. Depois de tentado destruí-la, em vão, reconhecem-na agora, e não terá que viver-se muito para assistir ao reconhecimento oficial da República Soviética por todas as grandes nações europeias. Alguns produtos russos conseguiram a casas comerciais italianas chegarão já ao seu destino e tudo indica que as transações entre os dois países cada vez mais se tornem frequentes. É claro que estes factos nos encorajam de satisfação — em que pese aos conservadores e aos reacionários cujos maiores desta feita não surtiram resultado.

Progresso

Uns beneméritos da humanidade, aqueles dois membros da família Thomson de Washington. O pai, que foi outrora general, inventou uma espiga maravilhosa, a última palavra do progresso. A arma poderá projectar 25 balas por segundo, ou seja, 1.500 por minuto. O filho, que foi coronel e esteve em França durante a guerra, encarregou-se de experimentar o invento. Obteve resultados explêndidos. Aí temos qualquer dia adoptada a nova espingarda, tudo por amor à paz e por causa das sublevações populares. Uns beneméritos, aqueles Thomson...

Pensamento

Se tenses necessidade de matar para ser patriota, caçai lobos, armai ratocas às fuinhas e às ratas. Vale mais ilhar delas o país que degolar irmãos nossos. — Boucher de Perthes.

A crise russa

Do Daily Herald fazemos o seguinte extracto dum artigo que H. N. Brailsford vem de publicar naquele jornal, artigo por muitos titulado interessante: «Logo após a derrota de Wrangel, manifestou-se dentro do partido comunista o desejo de amaciar um pouco as durezas da ditadura, originadas e produzidas durante a guerra civil. Várias instituições foram abolidas. Durante a guerra civil não há forma de governo representativo que possa desempenhar a sua missão, e por isso, o sistema decaiu durante este tempo.

Colocou-se Lénine à frente do movimento contra a excessiva burocracia, e discute-se agora qual a melhor forma de fazer reviver o governo popular dos Sóviets, e criá-lo, dentro das «Trade Unions».

Trótski, que tem uma fé excessiva nas virtudes da organização militar, advoou um alarmante plano de centralização das «Trade Unions» e de militarização do Trabalho. Mas isto foi rejeitado por uma maioria esmagadora em todas as conferências do Partido Comunista.

A ideia mais defendida, foi a de se usarem os meios mais suaves; tornar menos dura a disciplina ferrea do tempo da guerra civil, e fazer reviver o verdadeiro governo popular.

A República só poderá progredir numa atmosfera de confiança e liberdade. As massas russas que estão do lado do partido comunista não darão o seu consentimento para o trabalho comum enquanto não houver liberdade de opinião e só mantido com todo o seu rigor o odioso, mas talvez inevitável sistema de espionagem e de prisões arbitrárias, que prevaleceu durante os três anos de luta civil.

A minha arreigada crença é que o desenvolvimento deste sistema cause mais perigos à República do que ela pensou».

Em vista de tudo isto, ficamos sem saber se é a contra-revolução que se alarga por toda a Rússia, ou se é a Revolução que se dispõe a marchar ainda mais para a frente.

Bilhete perdido

Extraviou-se o bilhete nº 41, dos «fauteuils de orquestra». Este lugar estava já vendido a um camarada, motivo porque se não poderá utilizar dele a pessoa que pergunta teria achado o bilhete.

O bilhete em questão é para a festa que hoje se realiza no Ginásio.

Comuna de Paris

O Partido Socialista Português, comemorando o aniversário da Comuna de Paris, realiza hoje na sede do C. S. L., rua do Bemfica, 150, 1º, uma sessão solene em que devem fazer uso da palavra Ladišlau Batlha, D. Maria O'Neil, Margarida Marques, Augusto Dias da Silva, António Francisco Pereira, Manuel José da Silva, Martins Santarém, Alfredo Franco e dr. Agostinho Fortes, não comparecendo o presidente do Conselho Central, dr. Ramalho Corto, por ter de fazer uso da palavra na sessão que se realiza na Casa do Povo do Porto.

No final da sessão um grupo de cultores da canção nacional eletuia um certame de canções sociais.

A sessão é abrinhada pelo grupo de bandolinistas «Os Silvas».

A JUSTIÇA DA JUSTIÇA

Consumou-se o crime!

O que melhor sabe lutar é o que mais probabilidades tem de vencer

O crime estava anunciado para as 13 horas. Às 13 horas lá estávamos na Quinta da Conceição, em Chelas. A pontualidade ainda não entrou nos hábitos de todos. A justiça também atraíra, não apenas duas horas, porque eram 15 horas quando lá apareceram os arrematantes, advogado, juiz, polícia, chefe de polícia e não sabemos quem mais.

Não andanoss justiça, dizímos-nos, apenas atrasada em duas horas, mas em cem ou duzentos anos, pelo menos. Se assim não fosse não seria a justiça a amiga.

Pelas 15 horas uma charrette deu entrada pelo portão da Quinta. Era o arrematante, sujeito novo, ar de novo-ribo, deslengante e abruto. Desceu-lhe o cocheiro e foram encostar-se lá para longe de nós, operários, conversando, provavelmente, respeito dos seus importantsíssimos negócios.

Decorreram alguns minutos. Nós estávamos ansiosos. Praticar-se-ia o crime? O arrematante do arrendamento chegou; faltavam os da justiça. Entreavam o grupo de operários que alarcaram a fazendo os seus comentários, relatação cada um o que sabia.

O tal sujeito da charrette arrematara em hasta pública o arrendamento, pagará de renda quatro contos e oitocentos escudos por tudo. Porém, com uma condição: a justiça entregue-lhe a propriedade desabitada, absolutamente livre.

— Bela maneira de se esquivar a pôr os inquilinos na ruela — disse um.

— E a justiça que escorra os moradores, mas é que se aproveita desse benefício — acrescentou outro.

— E choraram os díchos sobre a espeteza do arrendatário.

De súbito ouviu-se a buzina dum automóvel.

— Eles ai estão! — exclama um dos operários.

Era efectivamente a justiça que chegava; faltavam os da justiça.

O auto parou à porta da Quinta. Eram fícias a contemplar a justiça que se apanhava a fazer o que sabia.

Desceram: um sujeiro alto, cheio, fumando grande charuto; um velhote de mosca branca no queixo e ainda mais do trés indivíduos, ar importante, que nem para nós olharam. Era a justiça.

Conversaram com o arrematante, tipo de novo-ribo, trataram de arombar as portas do edifício desabitado, entretanto um indivíduo ia encher, de letra larga, folhas sobre folhas de papel selado. A justiça estava disposta a não teimar. Não queriam sair, não saíram. Mas o arrematante, surgiu desinteressadamente indignado. Quê? Deixarem-lhe aí essa tarefa odiosa de se indispor com pessoas de bem? Não, isso nunca.

Ele não queria pôr ninguém na rua, mas desejava que a justiça lhe entregasse as casas vazias, como estipulava o contrato. Não. O sr. arrematante não tinha coragem de obrigar quem estava a dormir ao relento, mas achava natural que a justiça o fizesse, visto que lhe havia prometido as casas desabitadas, e ele queria-as desabitadas...

O chefe da polícia, ao ser convidado a fazer sair a pobre gente, recusou-se, e andou muito bem. O seu papel e os dos guardas era manter a ordem, dizia ele, só manter a ordem.

Voltaram a convidar a companheira do manufactor de calçado a sair e ela gritou, resistiu, protestou e ficou.

Não teve a justiça e não teve o arrematante, outro remédio senão conformar-se com o irremediável.

Acabaram de encher o papel selado e lá se foram embora.

Ficaram apenas três famílias na Quinta, três famílias que não estavam dispostas a sair. Os outros, que se acomodaram, já não tornam a entrar.

Moral da história: o que melhor sabe lutar é o que mais probabilidades tem de vencer.

DESPORTOS

A matinée de amanhã no Coliseu

Mais mil mineiros sem trabalho

LIÑARES, 17. — A crise mineira deixou mil operários sem trabalho. — Rádio.

Censura à imprensa por causa da execução de Dato

MADRID, 17. — Continuam os trabalhos da instauração do processo de Pedro Mateo.

A direcção da polícia de segurança enviou uma ordem à imprensa para que não publicassem notícias acerca do assassinato do sr. Dato, ameaçando os jornais com a suspensão se esta ordem for transgredida. — Rádio.

A polícia continua a prender sem descanso

BARCELONA, 17. — Tem-se feito várias buscas e prisões a que se liga uma certa importância. — Rádio.

Fusilam-se homens, como passa-tempo...

GRANADA, 17. — As seis da manhã foram executados os três ciganos que assassinaram os guardas civis. Foram tomadas precauções de ordem pública. — Rádio.

O combate Faustino-Oscar está marcado para as 4.30; o combate Ruivo-Marins Goll para as 5.15.

Agora rezam-lhe por alma...

CADIS, 17. — Realizaram-se na cate-

ral solenes exequias por alma do sr. Autor, oficiando o bispo e assistindo os autoridades e os oficiais da guarda-mor.

E para entreter, fusila-se um soldado

VALENCIA, 17. — No acampamento de Patera, foi fusilado o soldado Camacho. — Rádio.

Um incêndio atribuído a operários

BILBAO, 17. — Um incêndio destruiu o aeródromo de Arantza queimando dois aeronaves. Supõe-se que o incêndio foi posto por operários despedidos que pretendiam assim vingar-se. — Rádio.

Um processo suspenso

MADRID, 17. — Foi suspenso o processo dos sindicalistas. — Rádio.

Operários tanoeiros do Porto

Uma comissão de tanoeiros do Porto entregou ontem uma representação ao ministro das finanças, sobre a questão da importação de vasilhame de tornavilagem. A representação já está em poder do director geral das alfândegas, sr. Manuel dos Santos, para informar.

A entrada é pública.

• • •

Sociedade de Estudos Pedagógicos

Realiza-se hoje pelas 21 horas a 5.ª conferência do curso sobre Economia Social pelo dr. sr. Azeredo Perdigão que tratará em especial da organização científica do trabalho — Taylorismo.

A entrada é pública.

• • •

Vendedores de produtos agrícolas e hortícolas

Reúne hoje a assembleia geral desta classe para apresentação do relatório e contas da gerência do ano de 1920, para o conselho fiscal e eleição de corpos gerentes eleitos e os novos estatutos aprovados por alvará do governador civil, marcando a nova ação esta agremiação em tempo de paz.

No final da sessão um grupo de cultores da canção nacional eletuia um certame de canções sociais.

A sessão é abrinhada pelo grupo de bandolinistas «Os Silvas».

A BATALHA

COLISEU DOS RECREIOS

HOJE — Às 21 horas — HOJE

Espectáculo de accionistas

RICO & ALEX

Com o mesmo programa da sua festa artística

Uma verdadeira fábrica de gargalhada

AMANHÃ — 2 grandiosos espectáculos — 2

Grande combate de «box» entre o

AS 17.15 — campeão francês MARIO GALL e o

português SILVA RUIVO

AS 21 — Festa artística dos FAZ-TUDO

No Teatro de S. Bento

Sessão conjunta

A's 17.20 ocupa o lugar da presidência o sr. Correia Barreto (democrático) secretariado pelos srs. António Manta, (independente) e Ramos Pereira (democrático).

Quando a justiça teve um gesto magnânimo, soberbo permitiu que a doente ficasse

de se restabelecer. Restava ainda uma

poobre viúva carregada de filhos, que

morava nuns parreiros sordidos no in-

terior da Quinta.

— Bela maneira de ficar esperando a hora

viável resolvida para sair à última hora. Lá

foram resolvidos a sair à última hora.

CONTOS DE «A BATALHA»

POBRE MÃE!

(Nos patios de Milão)

mãe, como fazem os filhos dos ricos. E o dia em que o Romeu e a Anita lá vieram que se separaram do Atílio foi um dia triste e inconsolável. Soluçavam, choravam, desesperavam-se, com cada beijo molhado, com cada abraço apertado, com um nunca acabar de promessa de não se esquecerem, de contínuarem a querer-se bem e de escravarem sempre, sempre!

— Adeus, mãe! Adeus!

A mãe, que previra o dia fatal do recrutamento, escondeu no pé de meia-tudo o que as necessidades de cada dia lá tinham deixado poupar.

— Privações não as sofras, meu filho, — disse-lhe ela com a garganta cheia de lágrimas. Eu e o Romeu te mandaremos alguma a quem quer que fosse. Chegada a ocasião, foi, como da primeira vez, dar à luz na Casa Pia das parturientes de Santa Catarina da rada, e lá saiu trazendo consigo o pequeno e amamentando-o ela própria. Consagraram o seu amor ora a um, ora a outro, ignorando-os a ambos, sem nunca se lembrar do pai e mandando-o embora com uma frase desdenhosa no dia em que ele tentou reconquistá-la as boas gracas.

— Vai para onde estiveste até agora! Os pequenos, cuidados, amamentados, criados à força de carícias e de beijos, quando podia comprar disso, tomaram-se os seus ídolos. Trabalhava-se o seu amor ora a um, ora a outro, ignorando-os a ambos, sem nunca se lembrar do pai e mandando-o embora com uma frase desdenhosa no dia em que ele tentou reconquistá-la as boas gracas.

Romeu fez-se taciturno. A mãe, que não podia viver sem a sua afição, viu-se obrigada a ralhar-lhe para que ele deixasse de chorar.

— Andas mal, é a fazer com que eu morra também de desgosto, e estás tudo acabado.

Mas o irmão desfinhava, perdia a cor, ia-se pondo terroso. Alguns meses depois, tosso, como se os pulmões lhe tivessem sido escavados pelos exacerados bacilos que tanto belesa descoloram e tanta esperança arrebatam no Casarão.

Naquela manhã em que o levaram para o cemitério, a pobre mulher parciai de ter endoidecido. Já não era a mesma. Nunca mais recuperou a razão. Não pode ver agora um soldado. Basta um tambor ou uma corneta militar para lhe causar tremores ou para a fazer fugir pelo Casarão, como se tivesse medo de que viessem outra vez tirar-lhe o seu Atílio.

Tornou-se sombria, macambúzia, trabalha sem contiuidade, é indiferente a bem e ao mal e só sabe conceber pensamentos.

— Mataram-me o meu filho! E quando padre Paulo a repreende por já não ir à missa, enxuga os olhos com uma ponta do avental e responde-lhe assim:

— Muito injusto deve ser Deus, para assim castigar, com tamanha crueldade, uma pobre mãe que nunca tinha deixado de lhe rezar de joelhos!

(La Folia)

Paulo VALERA

Vida Sindicatista

COMUNICAÇÕES

Litógrafos e Anexos. — Reuniu ontem a Comissão Administrativa deste sindicato, a qual apreciou vários expedientes, dando-lhe o devido destino.

Tratou detalhadamente do desenvolvimento moral a dar à classe, procurando desta forma mais o convívio associativo.

A Comissão Administrativa avisou os componentes da classe que não devem ir trabalhar para as oficinas litográficas no Porto, pois há nessa cidadela o ofício de tecelão, por ver nela uma predileção especial pelos trabalhadores de tear.

Os filhos retribuíram a afeição maternal com o mesmo afecto. Salam da oficina e corriam para casa para beijar a

mae, como fazem os filhos dos ricos.

E o dia em que o Romeu e a Anita lá vieram que se separaram do Atílio foi um dia triste e inconsolável. Soluçavam, choravam, desesperavam-se, com cada beijo molhado, com cada abraço apertado, com um nunca acabar de promessa de não se esquecerem, de contínuarem a querer-se bem e de escravarem sempre, sempre!

— Adeus, mãe! Adeus!

A mãe, que previra o dia fatal do recrutamento, escondeu no pé de meia-tudo o que as necessidades de cada dia lá tinham deixado poupar.

— Privações não as sofras, meu filho, — disse-lhe ela com a garganta cheia de lágrimas. Eu e o Romeu te mandaremos alguma a quem quer que fosse. Chegada a ocasião, foi, como da primeira vez, dar à luz na Casa Pia das parturientes de Santa Catarina da rada, e lá saiu trazendo consigo o pequeno e amamentando-o ela própria. Consagraram o seu amor ora a um, ora a outro, ignorando-os a ambos, sem nunca se lembrar do pai e mandando-o embora com uma frase desdenhosa no dia em que ele tentou reconquistá-la as boas gracas.

— Vai para onde estiveste até agora! Os pequenos, cuidados, amamentados, criados à força de carícias e de beijos, quando podia comprar disso, tomaram-se os seus ídolos. Trabalhava-se o seu amor ora a um, ora a outro, ignorando-os a ambos, sem nunca se lembrar do pai e mandando-o embora com uma frase desdenhosa no dia em que ele tentou reconquistá-la as boas gracas.

Romeu fez-se taciturno. A mãe, que não podia viver sem a sua afição, viu-se obrigada a ralhar-lhe para que ele deixasse de chorar.

— Andas mal, é a fazer com que eu morra também de desgosto, e estás tudo acabado.

Mas o irmão desfinhava, perdia a cor, ia-se pondo terroso. Alguns meses depois, tosso, como se os pulmões lhe tivessem sido escavados pelos exacerados bacilos que tanto belesa descoloram e tanta esperança arrebatam no Casarão.

Naquela manhã em que o levaram para o cemitério, a pobre mulher parciai de ter endoidecido. Já não era a mesma. Nunca mais recuperou a razão. Não pode ver agora um soldado. Basta um tambor ou uma corneta militar para lhe causar tremores ou para a fazer fugir pelo Casarão, como se tivesse medo de que viessem outra vez tirar-lhe o seu Atílio.

Tornou-se sombria, macambúzia, trabalha sem contiuidade, é indiferente a bem e ao mal e só sabe conceber pensamentos.

— Mataram-me o meu filho! E quando padre Paulo a repreende por já não ir à missa, enxuga os olhos com uma ponta do avental e responde-lhe assim:

— Muito injusto deve ser Deus, para assim castigar, com tamanha crueldade, uma pobre mãe que nunca tinha deixado de lhe rezar de joelhos!

(La Folia)

Paulo VALERA

O mutualismo e as farmácias

Conforme dissemos há tempo, haviamos recebido algumas cartas a propósito de outras aqui publicadas. Damos hoje uma dessas cartas, esperando em breve inserir as restantes:

— Sr. Director de «A Batalha». — A propósito dum protesto publicado no seu jornal, feito por alguns cobradores que foram despedidos pela actual direcção e a favor dos quais nunca a direcção de 1920 manifestou qualquer parcialidade, foi publicada em 9 do corrente uma série de alegações menos verdadeiras que convém esclarecer, porque as alegações gratuitas ali feitas só servem para desacreditar esta bela instituição de previdência, que bastantes serviços tem prestado aos seus associados.

Nunca foi a direcção de 1920, nem qualquer das suas antecessoras precisou de recorrer ao bôsco dos cobradores, visto que elas fazem semanalmente entrega da importância cobrada.

Os serviços desta colectividade estão todos muito bem montados e é uma falsidade dizer que elas se encontram num caos.

A sua caixa económica, criada unicamente para os fundos das associações ligadas, se puderem mutuamente auxiliar, nada tem de ilegal e como garantia dos seus empréstimos bastam as cotas de 250 escudos de que elas são portadoras, para garantir, com segurança, esses empréstimos.

Diz-se que a escrita está atrasada desde março, quando faltou apenas o mês de dezembro e esse mesmo por doença do chefe da secção de contabilidade, devendo notar-se que essa secção tem a seu cargo nada menos do que a escrituração de cinco colectividades.

Hoje, porém, já se discute na imprensa se o proletariado nas suas lutas deve fazer uso de métodos parlamentares ou da ação directa, estando a maior parte dos militantes por esta última.

Os defensores do reformismo no Japão são dirigidos pelo poeta, cheio de misticismo, Kawaga, mas a maior parte dos leaders operários, nos quais estão incluídos muitos intelectuais, defendem o princípio da luta de classes, baseada em considerações puramente económicas.

Além disso, a crise financeira dos últimos meses, com a consequente falta de trabalho e as aventuras guerrilheiras da China, Coreia, Sibéria, etc., tem impulsionado a classe operária a influência que ainda tem sobre os militantes.

Os defensores do reformismo no Japão são dirigidos pelo poeta, cheio de misticismo, Kawaga, mas a maior parte dos leaders operários, nos quais estão incluídos muitos intelectuais, defendem o princípio da luta de classes, baseada em considerações puramente económicas.

Nem sempre o facto de uma colectividade apresentar deficit, quer isso dizer que ele seja devido à má administração, visto que o desequilíbrio financeiro desta instituição foi em consequência da epidemia pneumónica que grossou no país em 1918. É certo que se dizia que se devia com a farmácia e com a tipografia.

As farmácias ainda em 1919 deram 15.000\$000 de lucros líquidos. A tipografia tem de existência 7 meses e só agora é que se começa a fazer, como se diz em termo comercial.

Nem sempre o facto de uma colectividade apresentar deficit, quer isso dizer que ele seja devido à má administração, visto que o desequilíbrio financeiro desta instituição foi em consequência da epidemia pneumónica que grossou no país em 1918. É certo que se dizia que se devia com a farmácia e com a tipografia.

As farmácias ainda em 1919 deram 15.000\$000 de lucros líquidos. A tipografia tem de existência 7 meses e só agora é que se começa a fazer, como se diz em termo comercial.

Nem sempre o facto de uma colectividade apresentar deficit, quer isso dizer que ele seja devido à má administração, visto que o desequilíbrio financeiro desta instituição foi em consequência da epidemia pneumónica que grossou no país em 1918. É certo que se dizia que se devia com a farmácia e com a tipografia.

As farmácias ainda em 1919 deram 15.000\$000 de lucros líquidos. A tipografia tem de existência 7 meses e só agora é que se começa a fazer, como se diz em termo comercial.

Nem sempre o facto de uma colectividade apresentar deficit, quer isso dizer que ele seja devido à má administração, visto que o desequilíbrio financeiro desta instituição foi em consequência da epidemia pneumónica que grossou no país em 1918. É certo que se dizia que se devia com a farmácia e com a tipografia.

As farmácias ainda em 1919 deram 15.000\$000 de lucros líquidos. A tipografia tem de existência 7 meses e só agora é que se começa a fazer, como se diz em termo comercial.

Nem sempre o facto de uma colectividade apresentar deficit, quer isso dizer que ele seja devido à má administração, visto que o desequilíbrio financeiro desta instituição foi em consequência da epidemia pneumónica que grossou no país em 1918. É certo que se dizia que se devia com a farmácia e com a tipografia.

As farmácias ainda em 1919 deram 15.000\$000 de lucros líquidos. A tipografia tem de existência 7 meses e só agora é que se começa a fazer, como se diz em termo comercial.

Nem sempre o facto de uma colectividade apresentar deficit, quer isso dizer que ele seja devido à má administração, visto que o desequilíbrio financeiro desta instituição foi em consequência da epidemia pneumónica que grossou no país em 1918. É certo que se dizia que se devia com a farmácia e com a tipografia.

As farmácias ainda em 1919 deram 15.000\$000 de lucros líquidos. A tipografia tem de existência 7 meses e só agora é que se começa a fazer, como se diz em termo comercial.

Nem sempre o facto de uma colectividade apresentar deficit, quer isso dizer que ele seja devido à má administração, visto que o desequilíbrio financeiro desta instituição foi em consequência da epidemia pneumónica que grossou no país em 1918. É certo que se dizia que se devia com a farmácia e com a tipografia.

As farmácias ainda em 1919 deram 15.000\$000 de lucros líquidos. A tipografia tem de existência 7 meses e só agora é que se começa a fazer, como se diz em termo comercial.

Nem sempre o facto de uma colectividade apresentar deficit, quer isso dizer que ele seja devido à má administração, visto que o desequilíbrio financeiro desta instituição foi em consequência da epidemia pneumónica que grossou no país em 1918. É certo que se dizia que se devia com a farmácia e com a tipografia.

As farmácias ainda em 1919 deram 15.000\$000 de lucros líquidos. A tipografia tem de existência 7 meses e só agora é que se começa a fazer, como se diz em termo comercial.

Nem sempre o facto de uma colectividade apresentar deficit, quer isso dizer que ele seja devido à má administração, visto que o desequilíbrio financeiro desta instituição foi em consequência da epidemia pneumónica que grossou no país em 1918. É certo que se dizia que se devia com a farmácia e com a tipografia.

As farmácias ainda em 1919 deram 15.000\$000 de lucros líquidos. A tipografia tem de existência 7 meses e só agora é que se começa a fazer, como se diz em termo comercial.

Nem sempre o facto de uma colectividade apresentar deficit, quer isso dizer que ele seja devido à má administração, visto que o desequilíbrio financeiro desta instituição foi em consequência da epidemia pneumónica que grossou no país em 1918. É certo que se dizia que se devia com a farmácia e com a tipografia.

As farmácias ainda em 1919 deram 15.000\$000 de lucros líquidos. A tipografia tem de existência 7 meses e só agora é que se começa a fazer, como se diz em termo comercial.

Nem sempre o facto de uma colectividade apresentar deficit, quer isso dizer que ele seja devido à má administração, visto que o desequilíbrio financeiro desta instituição foi em consequência da epidemia pneumónica que grossou no país em 1918. É certo que se dizia que se devia com a farmácia e com a tipografia.

As farmácias ainda em 1919 deram 15.000\$000 de lucros líquidos. A tipografia tem de existência 7 meses e só agora é que se começa a fazer, como se diz em termo comercial.

Nem sempre o facto de uma colectividade apresentar deficit, quer isso dizer que ele seja devido à má administração, visto que o desequilíbrio financeiro desta instituição foi em consequência da epidemia pneumónica que grossou no país em 1918. É certo que se dizia que se devia com a farmácia e com a tipografia.

As farmácias ainda em 1919 deram 15.000\$000 de lucros líquidos. A tipografia tem de existência 7 meses e só agora é que se começa a fazer, como se diz em termo comercial.

Nem sempre o facto de uma colectividade apresentar deficit, quer isso dizer que ele seja devido à má administração, visto que o desequilíbrio financeiro desta instituição foi em consequência da epidemia pneumónica que grossou no país em 1918. É certo que se dizia que se devia com a farmácia e com a tipografia.

As farmácias ainda em 1919 deram 15.000\$000 de lucros líquidos. A tipografia tem de existência 7 meses e só agora é que se começa a fazer, como se diz em termo comercial.

Nem sempre o facto de uma colectividade apresentar deficit, quer isso dizer que ele seja devido à má administração, visto que o desequilíbrio financeiro desta instituição foi em consequência da epidemia pneumónica que grossou no país em 1918. É certo que se dizia que se devia com a farmácia e com a tipografia.

As farmácias ainda em 1919 deram 15.000\$000 de lucros líquidos. A tipografia tem de existência 7 meses e só agora é que se começa a fazer, como se diz em termo comercial.

Nem sempre o facto de uma colectividade apresentar deficit, quer isso dizer que ele seja devido à má administração, visto que o desequilíbrio financeiro desta instituição foi em consequência da epidemia pneumónica que grossou no país em 1918. É certo que se dizia que se devia com a farmácia e com a tipografia.

As farmácias ainda em 1919 deram 15.000\$000 de lucros líquidos. A tipografia tem de existência 7 meses e só agora é que se começa a fazer, como se diz em termo comercial.

Nem sempre o facto de uma colectividade apresentar deficit, quer isso dizer que ele seja devido à má administração, visto que o desequilíbrio financeiro desta instituição foi em consequência da epidemia pneumónica que grossou no país em 1918. É certo que se dizia que se devia com a farmácia e com a tipografia.

As farmácias ainda em 1919 deram 15.000\$000 de lucros líquidos. A tipografia tem de existência 7 meses e só agora é que se começa a fazer, como se diz em termo comercial.

Nem sempre o facto de uma colectividade apresentar deficit, quer isso dizer que ele seja devido à má administração, visto que o desequilíbrio financeiro desta instituição foi em consequência da epidemia pneumónica que grossou no país em 1918. É certo que se dizia que se devia com a farmácia e com a tipografia.

As farmácias ainda em 1919 deram 15.000\$000 de lucros líquidos. A tipografia tem de existência 7 meses e só agora é que se começa a fazer, como se diz em termo comercial.

Nem sempre o facto de uma colectividade apresentar deficit, quer isso dizer que ele seja devido à má administração, visto que o desequilíbrio financeiro desta instituição foi em consequência da epidemia pneumónica que grossou no país em 1918. É certo que se dizia que se devia com

Associação Anti-Alcoólica Operária

Na última reunião foi aprovado o seguinte apelo, cuja publicação se solicita em tópico a imprensa operária e avançada:

«Persuadidos de que, para realizar o ideal social a que aspira, o proletariado não deve desprezar nenhuma das suas forças revolucionárias;

Sabendo que o alcoolismo produz nas classes trabalhadoras, um enorme desperdício de energias físicas e morais, e acarreta, pelo enfraquecimento do indivíduo, grande número de baixas no exército do proletariado;

Constatando que o alcoolismo abala os fundamentos da sociedade futura e ameaça a saúde das gerações vindouras;

Que provocando o despindo da magia férrea dos operários, priva as caixas sindicais e as cooperativas dos necessários recursos e enfraquece todos os órgãos de luta e da emancipação dos proletários;

Notando que, se o alcoolismo, que é um vício sem desculpa nas classes burguesas, se explica (em parte, pelo menos) entre os proletários pelos trabalhos pesados que executam, carestia de habitação e de alimentos, insuficiência de salários e outras razões, estas não constituem forte motivo ao adiamento do combate a este flagelo para uma portavoz longínqua data em que triunfarão as reivindicações socialistas;

Mas que, pelo contrário, abandonando para mais tarde a luta contra o alcoolismo, e deixando a burguesia egoista e ao capitalismo rapace o caminho aberto para a sua obra maléfica, arriscamo-nos a comprometer o sucesso final da Causa emancipadora em que nos empenhamos;

Os abaixo assinados, membros abstinentes e naturistas da comissão organizadora da Associação Anti-Alcoólica Operária, desejando veementemente travar contra o alcoolismo uma luta sem trégua entre as classes trabalhadoras, e tendo como escopo conseguir a filiação nesta agremiação operária de mil camaradas até Junho próximo, apela para a generosidade, espírito progressivo e solidariedade de todos os operários de Portugal no sentido de se inscreverem em massa na Associação Anti-Alcoólica Operária, Calçada do Combro, 38, A, 2.º, como eloquentes demonstração à burguesia, de que a classe operária se interessa pelos mais elevados problemas de ordem social.

A Comissão: Luciano Silva, Lino de Castro, João Baptista Bacelar, José Peralta e Martinho Serra.

Queixas e reclamações

Tropelias dum polícia

O sr. José Garcia Costa, comerciante, apresentou queixa ao comandante da polícia civil contra os guardas 938, da esquadra do governo civil, e 1120, da esquadra de Bemposta.

O 938 é senhor do pátio da queixa, senhor habendo, e com o dia 18 de Fevereiro, sua fruta estivesse colocando um pau numa das janelas, o 938, furioso, começou gritando dum quintal de trás, e pouco depois entrou pela casa agredindo violentemente a referida senhora e a esposa de Costa, a quem causou vários ferimentos, ate que os vizinhos acudiram aos gritos de socorro.

Ainda não satisfez com tal processo, o 938, deu voz de prisão às duas senhoras, enquanto a mulher lhe chama a polícia. Passado tempo, apesar de ser o 1120, que intimou as senhoras a acompanharem-no à esquadra, declarando este, que no dia 938, tinham esperado com o sobrinho, para canular da arbitrariedade, prendeu ainda o sr. Garcia Costa quando este, prevenido, apareceu em casa.

Decerto, não deixarão de ser louvadas...

Pior que senhorio

Comunicou-nos Francisco de Almeida, rua da Atalaia, 115, 2.º, que vive ali em dois quartos alugados pela inquilina Frutuosa Vitoria, pelos quais paga 2400\$000, exigindo de lhe, além de aluguel, o custo de 100\$000, renda, quando ela paga 600\$000 mensais, tendo em conta que é uma mina um negócio como este.

Os herdeiros ou representantes do sócio falecido ou interditado (nessa qualidade) poderão entrar para a sociedade, se isso for de vontade dos outros sócios; no caso negativo serão reembaldados de tudo que se apurar pertencentes, em quatro prestações, no prazo máximo de dois anos, vencendo juros à razão de sete e meio por cento ao ano sobre as quantias a pagar até final da liquidação.

Décimo.—Será abonado o juro de sete e meio por cento ao ano a todas as importâncias que aos sócios estejam creditadas.

Décimo primeiro.—Dos lucros líquidos anuais referir-se-há cinco por cento para o fundo de reserva legal, sempre que necessário for, e cinco por cento para fundo de desvalorização de armamento, mobiliário, ferramentas e utensílios; o restante será dividido pelos sócios da forma seguinte:

Para cada um dos sócios Ferreira Rodrigues e Delgado, trinta e um por cento, e para o sócio Guilherme Rodrigues, vinte e oito por cento.

Se houver prejuízos serão estes distribuídos por todos os sócios em parte igual.

Décimo segundo.—Por conta de seus lucros prováveis poderá o sócio Guilherme Rodrigues retirar da caixa social, quando as condições desse o permitam, setecentos e vinte escudos por mês, e cada gerente, mensalmente, até dez por cento da importância do seu capital, realizado, não excedendo porém, dentro de cada ano social, cincuenta por cento da importância referida.

Décimo terceiro.—As taxas de juro constantes nos artigos décimo e décimo primeiro, poderão ser alterados sempre que a sociedade o deliberar por proposta de qualquer dos sócios, mas serão sempre iguais entre si.

Décimo quarto.—As deliberações sociais constarão das actas no livro próprio, ou de documentos avulso assinado por todos os sócios. As assembleias gerais poderão reunir independentemente da formalidades de convocação, e se algum sócio não puder comparecer à reunião poderá delegar noutro sócio, ou consignar o seu voto, ou deliberação, em simples documento escrito e assinado pelo seu punho.

Décimo quinto.—Em tudo o omissso regularão as disposições legais aplicáveis e nomeadamente as da lei de onze de Abril de mil novecentos e um. —O notário— Maia Mendes.

Para a paz...

Engenhos de morticínio

NEW YORK, 15.—O serviço químico do exército americano descobriu um veneno de fácil fabricação que pode ser utilizado pelos aeronaves só a forma de vapor e que mata instantaneamente toda a gente que se encontrar no caminho do avião. —Rádio.

NA ALEMANHA

Só as ideias extremistas tem aceitação

BERLIM, 14.—Quando se anuncia nesta cidade qualquer comício em que se vão defender ideias extremistas, a assistência é enorme, mas as demonstrações monárquicas contra a conferência de Londres conseguem dificilmente arranjar um diminuto número de auditores. —Rádio.

Rodrigues, Delgado & Rodrigues Limitada

Por escritura de sete de Março de mil novecentos e vinte e um, a folha 84 do livro 1190-618 do notário Maia Mendes de Lisboa, foi constituída a seguinte sociedade por cotas:

Primeiro.—O seu objetivo é o comércio de material elétrico e aparelagem e qualquer outro ramo de comércio ou indústria que por unanimidade deliberem explorar, com exceção das suas fórcas revolucionárias;

Sabendo que o alcoolismo produz

nas classes trabalhadoras, um enorme des-

perdício de energias físicas e morais, e

acarreta, pelo enfraquecimento do indi-

víduo, grande número de baixas no

exército do proletariado;

Constatando que o alcoolismo abala

os fundamentos da sociedade futura e

ameaça a saúde das gerações vindouras;

Que provocando o despindo da ma-

gra férrea dos operários, priva as caixas

sindicais e as cooperativas dos necessári-

os recursos e enfraquece todos os órga-

nos de luta e da emancipação dos prole-

tários;

Terceiro.—A sociedade adopta a fir-

ma «Rodrigues, Delgado & Rodrigues

Limitada», terá a sua sede em Lisboa

e domicílio na Avenida Fontes Pereira

de Melo, número onze.

Quarto.—A sociedade será repre-

sentada em juiz e fora dele, activa e pas-

sivamente, pelos sócios Ferreira Rodri-

gues e Delgado que terão a gerência

dos negócios sociais, bastando um deles

para obrigar.

A caixa e escrita ficarão a cargo do

sócio Guilherme Rodrigues. Os geren-

tes terão a retribuição mensal que por

acta lhes for fixada.

Quinto.—A direção adiante.

Relatório.—A redação deve ser dirigida a

Alexandre Vieira, redator principal de A

Batalha. Não se restituirão os autógrafos.

Redação e Administração

Calçada do Combro, 38-A, 2.º

LISBOA-PORTUGAL

Banco de Portugal

Concurso para caixeiros ajudantes

Até ao dia 25 do corrente recebem-se sede do Banco pedidos para admissão a este concurso, de indivíduos habilitados com cursos oficiais do comércio, curso complementar dos liceus, ou com boa prática comercial, que satisfaçam as condições patentes no Banco.

Lisboa, 12 de Março de 1921.

Pelo Banco de Portugal

Os Directores

a) António José Pereira Júnior,

a) Francisco Maria da Costa,

Sapateiro Oficiais para salto forrado, precisam-se R. S. José, 190, 2.º

Sapateiros Precisa-se oficiais para obra de meia ponteada, e ajudante, Rua do Bem-

fornoso n.º 100, 4.º Dt.º

Ministério da Agricultura

Direcção Geral do Comércio Agrícola

Venda de feijão

No Armazém Geral Agrícola de Lisboa no Terreiro do Trigo, se recebem,

até ao dia 19 do corrente, propostas em carta fechada para a compra de aproximadamente 380.000 quilos de feijão indiano, branco, sendo a base da oferta \$16 por quilo.

As condições estão patentes no dito

armazém, das 8 às 17 horas.

Direcção Geral do Comércio Agrícola

O Director Geral

(a) Joaquim Gomes de Sousa Belford,

Chapelaria A SOCIAL

Cooperativa dos Operários Chapeleiros

Grande sortimento em chapéus, lisos e mescas em cores lindíssimas, formatos dos mais famosos fabricantes estrangeiros

GRANDE NOVIDADE

Chapéu mole, novo modelo americano,

multo elegante, só na Cooperativa

A SOCIAL

Armazém e escritório: Rue Fernandes da Fonseca, 25, 1.º

ESTABELECIMENTOS

Sede: — 31, Rue Fernandes da Fonseca, 33

1.º Steursal: — Rua das Poças de S. Bento, 74, 74-A

2.º Sucursal: — Rua do Corpo Santo, 29

3.º Sucursal: — Rua do Arco Marquês de Alegrete, 56, 58

Fábrica de bonets

Chapeu modelo Jaurés (Exclusivo)

VIAGEM À RÚSSIA VERMELHA

A República do Trabalho

Album de sessenta fotografias da Repú-

blica operária e camponesa da Rússi-

a

Com belos retratos de

R. Lefebvre, Lepetit e Vergeat

O preço deste album, editado pe-

los Bibliótecos do Traval, 144, Rue Pel-

lepe, Paris (XX.º), é de 3000. A Sec-

ção de Livraria de A Batalha encarre-

ga-se de satisfazer todos os pedidos que sejam acompanhados da respectiva

importância.

SUCATAS

Compra-se chumbo,

metal, cobre, zinco, tipo,

ferro fundido

e forjado, e estanho

R. NOVA DO CARVALHO, 18

— Ao Corpo Santo

— LISBOA ::

SIFILIS

Grande descoberta de plantas para a cura

de sifilis e de todas as doenças que derivam

a impureza do sangue. Centenas de pessoas